

MARÉ DE NOTÍCIAS



Da Maré para a Maré

O Jornal Maré de Notícias chega à Edição nº 100. Nela, contamos a trajetória de 16 personagens que se misturam com a história da Maré – história que o Maré de Notícias traz em suas páginas há quase 10 anos. Desde o seu início, o Jornal pretende produzir e difundir conteúdo jornalístico crítico, reflexivo e incidente, que motive a mobilização e fomenta ações que impactem na qualidade de vida dos mareenses. Nesta edição comemorativa, convidamos nossos leitores para um passeio pela história do nosso território. Venha! Você é nosso convidado especial!

Hélio Euclides (jornalista, no Maré de Notícias desde a Edição nº 1)



Amor incondicional

Agamenon lutou pelas conquistas e mudanças na favela

HÉLIO EUCLIDES

Joaquim Agamenon Santos nasceu em Fortaleza, no Ceará, no ano de 1936. Aos nove anos de idade, veio para o Rio de Janeiro trabalhar como cobrador. Conheceu **Nadir de Araújo Santos**, apelidada de Dinda, isso há 52 anos. Após dois anos se casaram. Começavam aí duas paixões para toda a vida de Agamenon: a Dinda e o Morro do Timbau. Apresentado à associação de moradores por Hélio Borges, que era o presidente, Agamenon se encantou e foram 32 anos à frente da instituição.

Palavra nascida do tupi-guarani, "thybau" quer dizer "entre as águas". A ponta (ou Morro do Thybau), uma das únicas localidades em terra firme, era constituída de rochas. Com a abertura da Avenida Brasil, em meados da década de 1940, a ocupação nessa área tomou impulso. Em 1954, fundou-se uma das primeiras Associações de Moradores de Favela do Rio de Janeiro. Segundo o Censo Maré 2013, o Morro do Timbau tem 6.709 habitantes e 2.359 domicílios.

Agamenon desejava o básico, como água e luz. Foi o pioneiro do projeto de colocar caixas-d'água no Timbau. Foram três, uma está em funcionamento até hoje. Sem falar na vez em que, com seu pulso de ferro, conseguiu que ligassem a energia elétrica. "No dia de Natal faltou luz no Morro, e veio uma equipe da Light, que não encon-

trava a solução, então ele ofereceu a própria casa para que os funcionários da empresa passassem a ceia, mas não fossem embora. Agamenon foi para a Associação e chorou por não poder fazer nada. Mas a luz retornou", destaca Dinda.

Ela lembra das lideranças da época, com as quais o marido tinha proximidade. "Pedro Justino, Manolo, Clóvis, Teófilo Dias, Atanásio, Zé Careca e Euclides. Eram lideranças de sangue quente. O Atanásio era o calmo do grupo. Até hoje ele é calmo até para falar", conta.

Para Dinda, o marido foi um marco para o Morro, um local antes e outro depois de sua atuação. "Corria atrás quando as bombas hidráulicas das caixas queimavam, até que comprou reserva. Pegava mensalidade dos moradores, mas prestava conta e fazia ata", revela.

"Agamenon é do meu tempo. Morreu de câncer, aos 82 anos. Ele foi chefe da associação de moradores durante alguns anos. Só fez coisa boa, gostava da amizade dele, da conversa, não elogio só porque ele morreu. Era uma pessoa que não tinha inimigo", comenta **Bento Valadares**, o sapateiro do Morro do Timbau. **Marainez Ferreira**, distribuidora do Maré de Notícias no Morro do Timbau, percebe que a favela perdeu um amigo. "No passado ajudou muito a comunidade. Uma pessoa do bem, que brincava com



Ainda em luto, Dona Dinda abre sua venda especialmente para o Maré de Notícias

"No passado ajudou muito a comunidade. Uma pessoa do bem, que brincava com os moradores. Adorava ler o Jornal Maré de Notícias." Marainez Ferreira

os moradores. Adorava ler o Jornal Maré de Notícias", lembra.

Para os vizinhos, Agamenon era um visionário. "Trabalhou na associação e na sua vendinha. Uma pena que não está mais aqui. Não me esqueço do serviço que ele implantou de autofalantes, que tocava música, falava do aniversário das pessoas e até dava recado para os namorados", relembra **Telma Porto**. Para **Elenir Valadares**, Agamenon marcou a história do território. "Corria atrás, pelo bem de todos", resume.

"Era perseverante e tinha vontade de mudar o Morro. Aqui, quando

chovia, virava lama. Então, ele pedia sobra de cimento e asfalto do metrô, e quantas vezes na madrugada estava ele a espalhar o material", relembra Dinda. Ela acredita que, com esses atos, ele conseguiu respeito. O tempo para a família era pouco. "Era do trabalho para a associação, só chegava em casa às 10 horas da noite. Deixava de ver a mãe e ia para a praia correndo e voltava para a associação. Muitos ainda lembram dele, da melhoria que trouxe para os moradores", diz. Agamenon morreu em 31 de outubro de 2018, e deixou saudades. Pelo visto, muitas.

Costura de melhorias

Alfaiate relembra percalços e histórias que marcaram a Baixa do Sapateiro

HÉLIO EUCLIDES

“Na Baixa do Sapateiro, encontrei um dia, a morena mais frajola da Bahia...”, essa canção de Ary Barroso, de 1938, menciona a localidade do Nordeste, mas poderia muito bem falar do amor à nossa Baixa do Sapateiro. Esse amor contagiou **Atanásio Amorim**, 88 anos, que, ao conhecer o espaço, se apaixonou. A Baixa do Sapateiro teve sua ocupação em 1947, a partir de um pequeno grupo de palafitas de madeira conhecido como Favelinha do Mangue de Bonsucesso. Segundo o Censo Maré 2013, a Baixa do Sapateiro tem 9.329 habitantes e 3.287 domicílios.

Existem três versões para a origem do nome: haveria um sapateiro na ocupação inicial; uma alusão à Baixa dos Sapateiros, de Salvador, na Bahia; ou, ainda, uma referência à vegetação de manguezal, denominada popularmente como sapateiro. Atanásio tem uma quarta versão. “Aqui não era habitado, e tinha um capinzal, no pé do morro. Vinham soltar os burros aqui. O dono pediu para cercar e colocou um vigia, que era sapateiro”, comenta.

Atanásio nasceu em Santo Antônio dos Pretos, no Maranhão, há 88 anos. Em 1954, já com a profissão de alfaiate, saiu de São Luiz e veio para o Rio de Janeiro, direto para a Baixa do Sapateiro, na Rua Pedro Torres. Ele relata que na favela todos colocavam o endereço de Antônio Bento, morador em cuja casa o carteiro deixava as correspondências de todos os morado-

DOUGLAS LOPES



Amor à primeira vista: o maranhense Atanásio Amorim chegou à Baixa do Sapateiro em 1954 e se apaixonou pela localidade



Atanásio, primeiro à esquerda, na década de 1980: reunião para discutir os problemas da comunidade res da Baixa do Sapateiro. Ao buscar as suas cartas, encontrou o seu amor. Assim, se casou e construiu uma casa feita de estuque. Isso há 58 anos.

Sua primeira luta foi no final dos anos 1960. Na época, a energia era fornecida por cabines de luz, cada uma gerenciada por um morador. “Celso deixou a dele com os outros para tomar conta e apareceram extensões, que não pagavam, e a Light cortou. Formamos uma comissão, pagamos a dívida e transformamos em cabine Santa Luzia, de responsabilidade da Comissão de Luz”, detalha. Ele lembra

que a sua casa na Travessa Oliveira foi a primeira que teve iluminação na frente, antes era um breu. A comissão de luz também conseguiu que a Light colocasse iluminação nas ruas.

Atanásio esteve no Primeiro Encontro Estadual de Favelas e já no segundo, o vice-presidente da Baixa do Sapateiro propôs a tese, que foi aprovada, de que as favelas que tinham 20% de construção de alvenaria não poderiam ser removidas, só em caso de utilidade pública. “Combinei com o presidente da Associação do Parque União, Francisco

de Souza, para incentivarmos escondidos a construção de alvenaria das casas, para o encaixe no projeto. Esse foi um triunfo”, destaca. Os moradores que não tinham condição de passar para alvenaria, a associação ajudava.

Seu Atanásio foi vice-presidente por oito anos. Na sua gestão não tinha água encanada. “Nos juntamos e trouxemos água da Avenida Brasil, mas na maioria dos dias a torneira ficava seca. Uma vez ficamos uma semana sem água. Procuramos o Departamento de Água, eles disseram que nossa água era clandestina”, conta. A resposta da distribuidora é que não tinha verba para subir com a água. Conseguimos o dinheiro e a distribuidora colocou uma caixa-d’água, isso na década de 1970.

Um marco do bairro foi a formação da Comissão de Defesa da Maré (Condefam), que tinha seis representantes de associações. “Lembro de Zé Careca e Agamenon, dois guerreiros. Pela proximidade, eu estava sempre junto com Agamenon, um homem bom, que sempre procurava a união”, conclui.

Um leitor apaixonado

A dedicação de um morador da Marcílio Dias levou à comunidade uma das poucas bibliotecas da Maré

HÉLIO EUCLIDES

Era uma vez um homem que tinha um sonho, que não era de creme ou de doce de leite. Pode-se dizer que tinha um objetivo: ter uma biblioteca. Mas seu sonho não era um desejo egoísta. Seu sonho era levar alegria e cultura, por meio de livros, para moradores de Marcílio Dias, na Maré. Este sonhador é **Geraldo Oliveira**, 70 anos, cuja história de vida se mistura com a de tantos outros sonhadores do nosso bairro.

Geraldo chegou à Maré vindo da Paraíba, no dia 3 de junho de 1966. Nessa época, ainda tinha a Praia das Moreninhas e uma vila de pescadores. Mas tinha também as palafitas, que eram, aos seus olhos, perigosas, com pontes de madeira enfincadas na lama e no lodo.

Um ano depois de sua chegada, presenciou, com seus olhos de rapazinho de 18 anos, uma cena pitoresca e inesquecível: uma multidão compareceu a uma festa nas palafitas (festa sim! O povo era alegre!). Tinha tanta, tanta gente, que o piso não aguentou e caiu todo mundo! Foi uma confusão danada. Mas pensa que isso atrapalhou? Que nada! Ajeitaram as madeiras com escoras e a festa continuou. Geraldo tem nostalgia, sente saudades desse

tempo e acha que o que faz falta é uma maior união entre as famílias. O emprestar de açúcar e de café, por exemplo.

Geraldo também tem uma grande paixão, a qual se dedica com a maior das devoções: os livros. São eles que foram e sempre serão o farol que ilumina sua estrada. Esse amor é altruísta, generoso. Por isso, em 2004, deu o primeiro passo para dividir as delícias de sua paixão com todos os moradores da sua querida Marcílio: transformou uma sala de sua casa em um espaço de leitura público.

A biblioteca mesmo surgiu em 2007, em uma loja. No início não tinha nome, então um amigo falou de Nélida Piñon. Geraldo se apaixonou pela história da escritora da Academia Brasileira de Letras e decidiu que a biblioteca teria o nome dela. E mais, Nélida conheceria o espaço e saberia da homenagem.

Dito e feito. No dia 11 de maio de 2011, a imortal visitou a biblioteca. Na ocasião, Nélida disse que conhecia diversos países, mas que estava profundamente honrada em conhecê-lo.



Geraldo Oliveira: paixão pelos livros faz morador montar biblioteca com recursos próprios

cer a Favela da Maré. Um momento mágico para o nosso herói.

Mas depois veio a crise. E o acervo de 5 mil livros foi para um espaço menor. Geraldo, porém, não desiste deste amor. Fez e faz muita coisa para mantê-lo vivo. Uma delas foi deixar de pagar a prestação do carro para quitar o aluguel da biblioteca. Outra, foi participar de um programa de TV.

Atualmente, o aluguel da sala é de R\$ 450, que tira da sua aposentadoria e da ajuda de amigos. Geraldo sabe que para “ser feliz pra sempre” é preciso lutar incessantemente. Assim, já planeja novos passos. Para trilhá-los pede ajuda a todos que, como ele, sejam apaixonados por livros.

Os apaixonados por livros de Marcílio (os atuais e os vindouros) agradecem.

PARA COLABORAR, BASTA ACESSAR E CONTRIBUIR:

www.vaquinha.com.br/vaquinha/nao-deixe-a-unica-biblioteca-da-favela-morrer

VOCÊ SABIA?

- ✓ A ocupação de Marcílio Dias começou quando oito famílias de pescadores ergueram palafitas, em 1948.
- ✓ Segundo o Censo Maré 2013, Marcílio Dias conta com 6.342 habitantes e 2.248 domicílios.
- ✓ Marcílio Dias era negro e é o marinheiro mais homenageado na Marinha de Guerra Brasileira. Se destacou, sobretudo, na Batalha Naval do Riachuelo.

Um cabra arretado

Uma vida que conta a história e a luta dos moradores do Parque Maré

HÉLIO EUCLIDES

Como muitos moradores da Maré, Zé Careca era nordestino, de Campina Grande. Na adolescência, aprendeu a profissão de torneiro mecânico e atuou numa fábrica, que fechou. Então, veio tentar a vida na Cidade Maravilhosa.

As primeiras palafitas e precários barracos do Parque Maré começaram a ser erguidos no início da década de 1950, a partir dos mangues existentes no final das ruas Flávia Farnese e 17 de fevereiro. Em 1951, Zé Careca se encanta com o balanço da maré e vem morar na favela. Quando chegou, o Beco do Relojoeiro era o endereço de todo mundo para receber cartas.

Com o contato de amigos caminhoneiros, Zé Careca conseguiu aterrar



ELISÂNGELA LEITE

áreas de palafitas. Isso era facilitado pelo fim dos morros na Cidade, gerando muito material para fazer aterros. Dizem que até pó de serra (serragem) foi usado para aterrar. No Parque Maré, teve a sorte de conhecer Dona Nilza. Viveram juntos por 48 anos. Eles trabalhavam muito no bar e no forró da família, onde os nordestinos se reuniam. Em 1978, tiveram uma loja

de móveis, na qual vendiam colchão de capim, facilitando, ao máximo, o pagamento. Às vezes, chegava a dar móveis e enxovais. Para a família era Zequinha. Tinha o coração bom. Tinha energia, era um homem de trabalho, um porto seguro.

Um dos momentos marcantes da sua vida aconteceu em 1979, quando o Governo federal queria mandar seu povo para Santa Cruz. Ele lutou contra a desapropriação na Maré e bateu nessa tecla com o ministro Mario Andreazza, numa reunião no Teatro Nelson Rodrigues. Esse paraibano arretado dobrou o ministro, que acabou não tirando os moradores das proximidades. Líder comunitário, compôs um grupo que lutou para abrir a Rua Teixeira Ribeiro. Começaram a conversar sobre o assunto entre 1960 e 1961, o passo seguinte foi conseguir trazer o governador Carlos Lacerda no local para dar início à obra. Zé Careca teve um trabalho

comunitário forte, em especial na época do Projeto Rio, onde todas as lideranças se uniram. Além de ser diretor da Associação de Moradores do Parque Maré, foi seu presidente de 1998 até 2010.

Zé viveu a história da Maré, na prática. Após sair da associação foi trabalhar no projeto de fisioterapia, que começou em 2004, realizado pela associação, depois pela Prefeitura. Em seguida, com recursos próprios, comprou o espaço onde funcionava o projeto, pois sabia do benefício para os moradores. O projeto foi interrompido há nove anos, mas Zé Careca tinha o último sonho de voltar a esse trabalho. Nos últimos dois anos, Zé Careca sofreu com Alzheimer. Mas foi um guerreiro, nunca se abateu.

(Obituário escrito a partir do depoimento de José Carlos Gomes Barbosa, conhecido como Carlinhos, e Nilza Alves da Silva, respectivamente filho e viúva de Zé Careca).

Em 2010, Zeca Careca deu o seguinte depoimento (ainda inédito) ao Maré de Notícias:

“Na época das palafitas o povo ficava até acostumado, só era ruim quando bebiam, alguns até de terno branco, caíam no mangue. Água potável era difícil. A minha caixa era um latão de óleo e o vaso sanitário, um buraco. Naquela fase, as pessoas chamavam a todos de compadres e comadres, os barracos podiam ficar abertos. Essa era a vida real da comunidade, assim nasceu a Maré.”



ELISÂNGELA LEITE

Zé Careca: lutas, entre outras, para abrir a Rua Teixeira Ribeiro e evitar desapropriação da Maré

José Gomes Barbosa, mais conhecido como Zé Careca, foi presidente da Associação de Moradores do Parque Maré.

★ 22 de agosto de 1936

† 29 de dezembro de 2018

VOCE SABIA? Segundo o Censo Maré 2013, o Parque Maré conta com 13.164 habitantes e 4.552 domicílios.

Pedacinho do céu

DOUGLAS LOPES



Jorge Bob's: em Rubens Vaz desde 1963, quando tinha um ano de idade; músico é referência na favela

Um dos moradores mais conhecidos de Rubens Vaz, Jorge Bob's concorda que aquela favela é um pouco do Paraíso

HÉLIO EUCLIDES

Jorge Geraldo de Souza, o popularmente conhecido **Jorge Bob's**, tem 57 anos. Desde pequeno sua história é de luta. Ele teve poliomielite, aos nove meses - algo que leva numa boa, tanto que, muitas vezes, se esquece da deficiência. Popular, sempre é abordado pelos moradores e não deixa de mostrar um samba novo, uma vez que também é compositor. Para ele, não há limites.

Ele nasceu em uma clínica em Bonsucesso. Seu primeiro lar foi na casa da avó, na Rua Oliveira, na Baixa do Sapateiro. Depois foi morar com outra avó, no Parque União. Por último, em 1963, veio para a Rua Massaranduba, em Rubens Vaz. Aos nove anos, começou a trabalhar como engraxate no Parque União, mas foi no estacionamento do Bob's, no qual realizou seu ofício por 32 anos e 10 meses, que adquiriu o apelido que o acompanharia para sempre.

Batalhador, Jorge Bob's cruzava a cidade para trabalhar. Nos fins de semana, vendia bronzeador na Praia de Copacabana. "Precisamos nos mexer, não tem emprego, mas trabalho existe", comenta. Recentemente, se aposentou, mas promete não descansar.

Vaquinha

Jorge Bob's adora relembrar o passado no bairro que tanto ama, gosta de lembrar de quando a casa era um barraco na palafita e a luz, de lampião

de querosene. "Com o passar dos anos, começamos a fazer vaquinha para comprar fio e chegar luz a todos. Depois veio o aterramento. Antes, para ir para a Feira da Teixeira Ribeiro [Nova Holanda], era necessário ir até o extinto Beco do Seu Zé. Para ir ao Parque União, tinha de pegar a Avenida Brasil, pois não existia a Rua Principal. Lembro que tinha gente contra abrir a Rua Principal", conta. A Rua Principal foi aberta em 1990, segundo o presidente da Associação de Moradores de Rubens Vaz, Vilmar Gomes, o Magá.

Sem zoeira

Para Jorge Bob's, Rubens Vaz é como uma cidade do interior: todos se conhecem, é calma e pacata. "Não há zoeira. Meu amigo fala que, aqui, é um pedacinho do céu. São apenas três ruas, João Araújo, Massaranduba e Nova", conta. Ele só acha que os moradores não podem se acomodar. "Temos de lutar juntos, a população necessita de um Banco, de uma agência de Correios e falta um local de fisioterapia na Maré. É preciso cobrar melhorias à RA (Região Administrativa) e ao CCDC (Centro Comunitário de Defesa da Cidadania), que são os representantes da Prefeitura e do Estado na Maré", reclama.

Uma de suas paixões são os sambas-enredo. Ele já compôs mais de 20, chegando à final nas escolas de samba com uns quatro. "Não tenho voz, mas uso a mente", explica.

INSPIRAÇÃO

Numa homenagem ao Maré de Notícias, Jorge Bobs compôs uma música junto com o repórter Hélio Euclides. Cante com a gente!

Samba do Parque Rubens Vaz

Sou morador do Rubens Vaz

Lugar de povo capaz

De melhorar a favela

E se transformar em enredo de novela.

No passado (oh no passado)

Era um condomínio fechado

Mas abriram a Principal

Assim aumentou o pessoal

Veio gente da Nova Holanda

E do Parque União

Todos com bastante emoção,
Trazendo alegria no seu Coração.

Sou morador do Rubens Vaz

Lugar de povo capaz

De melhorar a favela

E se transformar em enredo de novela.

Quem não se lembra

Da passarela caracol

Que era um caminho

Iluminado pelo sol

De um lugar pequeno

De apenas três ruas

Doce como o mel

E é o meu pedacinho do céu

VOCÊ SABIA?

✓ Formou-se a partir de 1954. Já foi conhecida por Areal e também Caracol.

✓ O nome Parque Rubens Vaz foi oficializado em 1965, em homenagem do governo ao militar da Força Aérea Brasileira (FAB), o Major Rubens Vaz.

✓ Possui 2.395 domicílios e uma população estimada de 6.222 pessoas (Censo Maré 2013).

Um lugar pra ser feliz

Seu Irineu e Dona Creuza: satisfeitos com a vida que têm, há 40 anos, na Roquete

CAMILLE RAMOS

Entrando pela Rua Ouricuri da Passarela 12, na Avenida Brasil, não tem quem não saiba indicar onde mora o **Seu Irineu Ferreira da Silva**, 79 anos, e a **Dona Creuza Oliveira Azevedo**, 77, ou Dona Irinete, como as pessoas insistem em chamá-la. Juntos há 39 anos, eles traduzem bem a história da Roquete Pinto. Seu Irineu veio de Pernambuco e Dona Creuza, do Espírito Santo – ambos buscando melhores condições – e foi na Maré que eles construíram a vida.

Dona Creuza chegou primeiro na Roquete. Ainda existiam as antenas da Rádio que deu nome à comunidade e elas ficavam em meio ao mangue, próximas de onde Dona Creuza construiu sua primeira casa, um barraco de madeira onde cabia apenas um fogão e um sofá fechado, no Beco da Serragem. Com conhecidos, conseguiu os entulhos das obras de modernização do Centro da cidade, entre as décadas de 1960 e 1970, e aterrou a área onde surgiu uma casa de tijolos.

Com esse mesmo entulho, grande parte da Roquete Pinto foi aterrada.

Luta por condições básicas

Nessa época, conheceu Seu Irineu e abriram a primeira sapataria da Roquete. Tempos depois, se mudaram para a Rua Ouricuri. “Eu já tinha saído da lama e o Irineu queria me trazer pra dentro dela novamente, eu não queria vir morar aqui”, conta Dona Creuza. A Rua Ouricuri, uma das principais da Roquete Pinto, não tinha asfalto, não tinha poste e o saneamento era menos que o básico. “A Rua era só lama, barracos de madeira e as palafitas no final”, conta Seu Irineu.

A água da Rua Ouricuri era encanada, mas ruim, como conta Seu Irineu, que para melhorias da comunidade entrou para a associação de moradores. “Fui a muitas reuniões para conse-



Apesar das dificuldades, casal acredita que a Roquete é o melhor lugar do mundo

"Aqui construí minha vida e, hoje, eu me considero milionário!"

Irineu Ferreira da Silva

guirmos o asfalto, a luz nos postes e para algumas casas. Isso na década de 1980. Na comunidade, tudo é difícil até hoje. Agora temos uma água muito boa, mas os esgotos entopem com frequência”, conta Seu Irineu e completa: “Na década de 1950, o mangue ia até a Avenida Brasil, a maré chegava na Passarela 12.

Melhor lugar do mundo

A comunidade fica próxima à Praia de Ramos,

que Dona Creuza e Seu Irineu frequentavam, desde quando ainda a chamavam de Praia de Maria Angu. “A água nunca foi muito limpa, mas a gente sempre tomou banho. Antigamente, ali também tinha pontos de prostituição, por volta dos anos 1970. A gente saía pra trabalhar ainda no escuro e tinha um monte de mulher pelada”, conta Dona Creuza.

O tempo passou e mesmo com muitos problemas de infraestrutura, Seu Irineu não hesita em dizer: “Aqui é o melhor lugar do mundo pra se viver. Aqui construí minha vida e, hoje, eu me considero milionário!”

VOCÊ SABIA?

- ✓ O local começou a ser ocupado em 1955. Os aterros foram feitos pelos próprios moradores.
- ✓ A favela tem esse nome por causa das torres transmissoras da Rádio Roquete Pinto, cravadas no mangue da região.
- ✓ Em 1995, os transmissores da estação foram roubados. Por isso, a Rádio ficou fora do ar até julho de 2002.
- ✓ A Roquete tem 2.867 domicílios, nos quais vivem 8.132 pessoas, segundo o Censo Maré 2013.



Seu Irineu e seu comércio: colhendo o fruto de muitos anos de trabalho e de amor à comunidade

Organização e luta para conquistar direitos

União e senso de vida comunitária marcam a história do Parque União desde seus primórdios

JÉSSICA PIRES

Uma das figuras que incorporaram, em sua trajetória de vida, a luta por direitos pelo Parque União nos conta, com orgulho e saudade, o que viu e o que vê desse lugar que chama de seu. Seu Aluísio, querido e conhecido tanto pelos mais antigos quanto pelos mais contemporâneos, é um simpático morador da Rua Conquista e um dos primeiros presidentes da Associação de Moradores do Parque União.

De onde você é e quando chegou no Rio de Janeiro, veio direto para a Maré?

Sou **Aluísio de Andrade Campos**, tenho 88 anos e fui um dos primeiros presidentes [de associação de moradores] do Parque União. Vim de Aracajú (SE). Cheguei em 1953 e fui morar perto da Igreja Santa Luzia, na Coab, em Ramos. Minha mãe e minha família já moravam lá e eu vim para a casa deles.

E como você veio parar aqui?

Por meio da minha profissão [barbeiro], fui conhecendo outros lugares. Fui fazendo clientes e amigos, conhecendo pessoas.

Como era o Parque União naquela época?

Praticamente não exis-

tia. Só era uns barraquinhos de madeira. Tinha as palafitas e uns barraquinhos no chão mesmo.

Por que você decidiu se candidatar a presidente da associação de moradores?

Me convidaram. Eu sentia que o pessoal gostava muito de mim, mas achava que o presidente tinha de ser um homem de cultura e eu não tenho cultura nenhuma, só sei ler e pra mim. Decidi concorrer e perdi. Quem ganhou era um homem muito vaidoso, mal falava com os moradores. Passou um tempo e eu dizia: “Deus me livre de concorrer de novo a nada aqui”. Na eleição seguinte, de tanto o povo pedir, eu disse: “Vou concorrer e vou vencer”. Lembro da festa que o pessoal fez na apuração e quando saiu o resultado.

Quais foram as principais conquistas para o Parque União durante seu período como presidente?

Tudo que tem no Parque União, hoje, é continuação de um presidente e outro, com a ajuda dos moradores, mas que começou naquela época. Água, luz. Um grupo de empresários chamado Ação Comuni-



Seu Aluísio: orgulho de pertencer ao Parque União. Foi um dos primeiros presidentes de associação

tária do Brasil nos ajudou muito. Sempre com muita ajuda dos moradores que trabalhavam junto, para as coisas acontecerem.

O que motivava essa busca por mais estrutura e direitos?

A vida e a luta dos próprios moradores. O Parque União e o povo mere-

ciam viver melhor. Fomos fazendo de acordo com a necessidade, sempre juntos.

O que o Parque União é para você?

O Parque União representa, pra mim, a minha família, a minha terra, a minha vida. Eu tenho orgulho de morar no Parque União.

VOCÊ SABIA?

✓ O Parque União se formou a partir de um loteamento promovido por um advogado que demarcou lotes, vendendo-os por valores acessíveis. O projeto inicial era o de criar um bairro popular, com boa infraestrutura urbana.

✓ Outras fontes apontam, no entanto, que a comunidade é fruto de uma das primeiras invasões urbanas planejadas, de que se tem notícia. Isso no fim da década de 1950.

✓ O Parque União possui 20.567 moradores, que vivem em 7.600 domicílios (Censo Maré 2013).

Compartilhando memórias que fortalecem a luta

Griots têm o dom da oralidade e a responsabilidade de eternizar a história do território

JÉSSICA PIRES

A história da Maré é de luta, já sabemos. E da importância dessas histórias serem contadas, dos nossos ancestrais para nós “contemporâneos”, nascem as “griots” da Maré – moradoras que acumulam a história do território, juntamente com a história de suas vidas. Griots são pessoas que tinham o compromisso de preservar e transmitir histórias, fatos históricos e os conhecimentos ao seu povo. Elas e eles ensinavam a arte, o conhecimento de plantas, tradições, histórias e davam conselhos aos jovens príncipes na África. A Maré também tem griots, e a Nova Holanda é o lugar de duas delas: Durvalina e Aidê, que carregam a oralidade – esse dom que traz embutido a responsabilidade de compartilhar a memória do nosso território.



ELISANGELA LEITE

Durvalina Pacheco de Souza

tem 88 anos e chegou à Maré em 1979. Ela saiu de Teófilo Otoni em direção a Belo Horizonte, com os filhos e, depois de 10 anos, veio para o Rio de Janeiro. Ao chegar, foi para a casa de uma das filhas que já morava aqui na Maré, na Nova Holanda. Nessa época, segundo a griot, “a Maré não tinha nada, a não ser Deus”. A água era garantida pelo esforço hercúleo das mulheres. Elas traziam da Avenida Brasil em tambores chamados “rola”. Os “rolas” eram empurrados pela força da cintura das mulheres. Durvalina tomava emprestado com vizinhos um

desses tambores, que deveria ser devolvido cheio, em troca do favor.

As memórias de Durvalina são compartilhadas com quem estiver disposto a ouvir. Ela diz que a sua vida é contar histórias. Enquanto tiver saúde, vai seguir compartilhando suas memórias. Ela as conta, por onde circula, para crianças, jovens, artistas e quem estiver disposto a fazer essa troca, de preferência acompanhada de um cafezinho. Mas, sem dúvidas, sua grande família é privilegiada. Só na Maré são 16 netos, 32 bisnetos e 36 tataranetos. Família negra da qual se orgulha. Um ponto, inclusive, observado por ela é que a Nova Holanda é ocupada por uma grande população negra, que se misturou com os migrantes africanos.

Durvalina e Aidê se conheceram quando Durvalina chegou à Maré. Aidê, que na verdade se chama **Maria Augusta da Conceição**, com 87 anos, conheceu e conta sobre uma Maré ainda mais precária e com menos estrutura. Ela chegou ao Rio de Janeiro, de Minas Gerais, com os pais, aos 12 anos de idade e o apelido “Aidê”, que ganhou assim que chegou, tornando-se praticamente seu nome oficial. O primeiro destino da família foi o Morro do Querosene, no Rio Comprido. Muitas famílias de lá foram removidas para a região da Nova Holanda na época. A favela foi aterrada, planejada e construída

pelo poder público no início da década de 1960 e as famílias que ocuparam a região vinham de remoções da cidade.

Aidê acompanhou as maiores transformações da Maré. A Maré que via, quando chegou, era “água pura”, “lama”. Quando chovia, as ruas ficavam cheias de água e tomadas por insetos. “Tinha muito mosquito, barata, mosca”, conta a griot. Mas foi aqui que ela construiu a família com quatro filhos (três homens e uma mulher), de que, hoje, assim como a sua companheira de histórias, se orgulha.

A Nova Holanda e a Maré são lu-



JÉSSICA PIRES

gares de encontros. Encontros de crenças, de trajetórias, de culturas, de partidas e de destinos. Valorizemos essas memórias que dão sentido e favorecem a nossa luta, tanto a diária, quanto por direitos coletivos e maiores.



- ✓ Nova Holanda tem 4.601 domicílios e 13.799 habitantes (Censo Maré 2013).
- ✓ Sua ocupação é diferente das demais realizadas na mesma época: a Nova Holanda foi planejada e construída pelo poder público na década de 1960, sob o governo de Carlos Lacerda, para abrigar provisoriamente moradores de morros demolidos para a ampliação da cidade.
- ✓ Como a ideia inicial é que a ocupação fosse provisória, o governo proibia a construção de casas de alvenaria. Para driblar a proibição e permanecer no território, os moradores construíam casas de madeira por fora, mas internamente subiam paredes de alvenaria. A madeira só era retirada quando a casa estava praticamente pronta.

PERSONAGENS E SUAS COMUNIDADES

- 01 - CONJUNTO ESPERANÇA**
 - Elcyr Paixão de Albuquerque
- 02 - VILA DO JOÃO**
 - Irene da Cruz Gomes
- 03 - CONJUNTO PINHEIRO**
 - Eunice Cunha de Oliveira
- 04 - VILA DO PINHEIRO**
 - Nadja Domingos
- 05 - SALSA E MERENGUE**
 - Vinícius Pereira de Souza

- 06 - BENTO**
 - Cremil
- 07 - MORR**
 - Nadiro
Joaquim
- 08 - BAIXA**
 - Atanás
- 09 - NOVA**
 - Amaro
- 10 - PARQ**
 - José G



JOÃO RIBEIRO DANTAS
 da Vicente de Carvalho

JOÃO DO TIMBAU
 de Araújo Santos e
 Agamenon Santos
ALDO SAPATEIRO
 sio Amorim

MARÉ
 Domingues

QUE MARÉ
 omes Barbosa

- 11 – NOVA HOLANDA**
 - Durvalina Pacheco de Souza e Maria Augusta da Conceição
- 12 – RUBENS VAZ**
 - Jorge Bob's
- 13 – PARQUE UNIÃO**
 - Aluísio de Andrade Campos
- 14 – ROQUETE PINTO**
 - Seu Irineu Ferreira da Silva e Dona Creuza Oliveira Azevedo
- 15 – PRAIA DE RAMOS**
 - Bhega
- 16 – MARCÍLIO DIAS**
 - Geraldo Oliveira



Meu lugar no mundo

Músico, ambientalista e agitador cultural, Bhega escreve para o Maré de Notícias sobre a Praia de Ramos

BHEGA

Meu nome é **Lindenber** **Cícero da Silva**, tenho 60 anos e sou conhecido como Bhega. Nasci na Rua B, nº 45, na Praia de Ramos, com a ajuda de uma parteira. Meus pais vieram de Remígio, na Paraíba. Naquela época, as pessoas se ajudavam para “subirem” os barracos. Minha irmã mais velha conta que, em 1958, aconteceu um incêndio na Praia de Ramos e as pessoas perderam suas casas. Meu pai tinha uma birosquinha de madeira e o fogo lambeu tudo. Por causa disso, ganhámos uma das casas feitas pelo governo, na obra do Parque Proletário, se não me engano. Os barracos foram construídos em vilas com ruas de A a Z e tinham piso de madeira. Crescemos ali.

A Colônia de Pescadores Z-11 doava peixes para todos os moradores. Tinha de chegar às 4h da manhã. Eu tinha uns 10 anos nessa época, por volta de 1969. Na Praia tinha campeonato de futebol de areia e era uma maravilha! Saíram muitos craques daqui, que chegaram a jogar profissionalmente em clubes do Rio e até em São Paulo. Existia o Clube de Futebol do Cerfa, time de terceira divisão, que recebeu, na década de 1960, o Rei Roberto Carlos, que estava começando na Jovem Guarda, para cantar no Clube. E nos anos de 1987 ou 1988, teve até loteria esportiva do campeonato



Do show do Rei Roberto Carlos à criação do Piscinão: muitas histórias para o idealizador do "Cineminha no Beco" lembrar e contar

de areia da Praia de Ramos.

A Praia de Ramos era um dos pontos mais “bombados” da Zona Norte, imortalizada nas canções de Dicró e em filmes que foram gravados por aqui e pela Roquete Pinto. Antigamente, a região era um balneário e, onde hoje é a escola, funcionava um local em que as pessoas alugavam biquínis e se trocavam pra praia. O historiador João Lima conta que ali seria um cassino, pois tinha-se uma visão de que o ambiente ia crescer. João também conta que o Pixinguinha tomava banho na Praia de Ramos e que chegavam ônibus [feitos] de madeira, fazendo excursão. No verão, as famílias dormiam na areia por causa do calor. Levavam esteiras de palha e dormiam na beirada do mar. A gente não tinha ventilador em 1968.

Lembro-me da Praia de Maria Angu, antes de se chamar Praia de Ramos. Ela ia do Iate Clube Ramos até a Colônia dos Pescadores. Lembro-me dos desfiles de blocos que aconteciam na orla. “Banho de Mar à Fantasia” - o último aconteceu por volta de 1976 ou 1977. No final, tinha de entrar no mar com as fantasias de papel crepom. Era lindo demais! Não tinha briga, nem confusão.

No ano de 2000, teve o acidente do derramamento de óleo da Petrobras na Baía. Lembro-me que organizamos um evento

chamado Abraço de Ramos. Eu, como músico, fui convidado pra cantar “SOS Praia de Ramos”, uma composição minha, de cima de um helicóptero, abrindo a cobertura que um jornal estava fazendo. O evento deu mais de 20 mil pessoas. Em 2001, inauguraram o Piscinão. Mas a ideia do Piscinão surgiu em 1992, de um amigo meu, chamado Vicente Paulo de Araújo. Morei na Praia de Ramos por 30 anos, saí quando me casei, mas continuo indo lá toda semana, é o meu lugar no mundo.

VOCÊ SABIA?

- ✓ A Praia de Ramos tem 3.221 habitantes e 1.064 domicílios.
- ✓ É a única praia da Zona da Leopoldina.
- ✓ Já foi tema de música e teve papel de destaque em filme e novela.

O nome é Esperança, mas podia ser resistência

Moradores, como a Vó da Padaria, são exemplos de luta, trabalho e conquista por um lugar sob o sol da Maré

CAMILLE RAMOS

Entre o prédio de expansão da Fiocruz e o Canal do Cunha, foi erguido, em 1982, o Conjunto Esperança. Os 1.400 apartamentos divididos em 35 edifícios receberam cerca de sete mil pessoas – uma delas foi **Elcyr Paixão de Albuquerque**, ou, como é mais conhecida, a “Vó da Padaria”, por ter trabalhado durante décadas em uma popular padaria do território.

A história de Dona Elcyr, hoje com 97 anos, começa muito longe da Maré, em São Luís do Maranhão, cidade de onde veio fugida de seu marido, quando tinha lá pelos 37 anos. Ao chegar ao Rio, com uma maletinha amarela e uma criança de seis anos, não poderia imaginar que teria um lugar reservado pra chamar de seu: a Maré. O que primeiro chamou sua atenção no bairro não foi muito bom: lonas pretas esticadas nas beiradas da Avenida Brasil. Na época, por falta de passarelas e pelo pouco conhecimento dos perigos de uma via expressa, as pessoas

atravessavam a avenida e eram atropeladas.

Um lugar chamado Esperança

Ao chegar, Dona Elcyr foi morar nas palafitas do Parque União. Depois, por causa das remoções do Projeto Rio*, iniciado em 1979, ganhou um apartamento no Conjunto Esperança. Em 1982, depois de ter se mudado para o Conjunto Esperança, começou a trabalhar na padaria, onde virou quase “uma lenda”. “Esse Conjunto foi construído em cima de um mangue e ele ainda existe. O cheiro era muito forte. Aqui, era uma construção para abrigar militares e nós conseguimos vir antes deles e tomamos conta”, brinca. Detalhe importante: entre os antigos, comenta-se que alguns prédios seriam mesmo ocupados pelos militares e que os moradores tomaram posse an-



Vó da Padaria: há quatro décadas acompanhando o cotidiano do Conjunto Esperança. Atualmente é moradora-referência do bairro

tes e ficaram até hoje.

Os prédios eram coloridos e próximos à Avenida Brasil. Por falta de comércio na região, foram se improvisando espaços – o que originou, às margens da Baía de Guanabara, um conjunto de casas construídas pelos próprios moradores, que foi chamado de Vala Shopping (por causa da

proximidade com o Canal do Cunha), que tinha construções com lojas no 1º andar e casas no 2º. O local também é conhecido como Vila Esperança ou Pata Choca. “Eu vi tudo isso crescer”, conta a senhora que, ao longo de quase quatro décadas, virou símbolo e patrimônio do Conjunto Esperança.

VOCE SABIA?

✓ Em 1979, o Ministério do Interior idealizou o Projeto Rio, que foi posto em prática pelo Banco Nacional da Habitação (BNH). Seu objetivo era remover palafitas, aterrar aquela parte da Baía de Guanabara, expulsar a população que há décadas residia na região e, assim, torná-la mais “moderna e civilizada”. De acordo com o site www.rioonwhatch.org.br (relatos das favelas cariocas), os conselhos de moradores resistiram à ofensiva. O governo recuou e permitiu que os moradores permanecessem no local. As palafitas, no entanto, foram removidas e seus moradores realocados em complexos habitacionais construídos em aterros próximos. Assim, surgiram os conjuntos habitacionais Vila do João, Vila do Pinheiro, Conjunto Pinheiro e Conjunto Esperança.

✓ O Conjunto Esperança tem cerca de 1.870 domicílios e 5.356 habitantes (Censo Maré 2013).



Conjunto Esperança em 2008: poucas mudanças aconteceram no território até hoje

A mais perfeita tradução do termo comunidade

Para Dona Irene, solidariedade e senso de coletividade são os pilares da favela

CAMILLE RAMOS

O início da década de 1980 traria novidades para a Maré e também para a família de Dona Irene da Cruz Gomes. Naquele ano, nascia a Vila do João, um conjunto habitacional cujo objetivo era abrigar moradores das palafitas da Baixa do Sapateiro e do Parque Maré e que, ao todo, destinou 1.500 domicílios aos moradores dos barracos. Um deles foi recebido pela família de Dona Irene, constituída, à época, pelo marido, sete filhos, muitos cachorros (cuidados em regime de “guarda compartilhada” com os vizinhos) e uma alegria imensa. “Quando a gente se mudou, parecia que a gente *tava* indo morar na Barra. As casas eram bem parecidas. Todo mundo se perdia. A minha casa tinha um quarto e dormíamos todos apertados, mas muito felizes”, recorda Dona Irene.

A remoção para a Vila do João aconteceu em 1982, com a atuação do Projeto Rio, uma iniciativa do governo para urbanizar favelas, cujo objetivo era pôr fim às construções precárias. O projeto,

no entanto, gerou falatório, pois o governo se limitou a remover os moradores das áreas alagadas. Segundo levantamento inicial, nesta época um terço dos habitantes da Maré morava sobre palafitas, principalmente nas comunidades da Baixa do Sapateiro e Parque Maré. Depois de muita polêmica, os moradores começaram a ser transferidos para o primeiro conjunto habitacional.

“Familhão”

Na Vila do João, a família de Dona Irene aumentou: nasceram mais três filhos, completando 10. E deles, vieram 18 netos e seis bisnetos – isso sem contar as muitas crianças que Dona Irene ajudou a criar: “Eu considero, como família, mais da metade dessa comunidade. Todo mundo ou me chama de tia ou me chama de avó. Aí viramos um ‘familhão’”.

A chegada

Em 1968, Dona Irene chegou à Maré com seu marido, Walter, para morar na Baixa do Sapateiro. Grávida de seu primei-



Dona Irene: das palafitas à Vila do João, uma história de dificuldades e também de alegrias

ro filho, eles começaram uma família em cima do mar. Para ajudar nas despesas, Dona Irene areava panelas e, à noite, carregava água para seus vizinhos por alguns trocados. A família morou em uma palafita alugada até ser despejada. Sempre muito querida e respeitada na comunidade, viu seus vizinhos construírem uma palafita para que a família fosse abrigada num momento de grande dificuldade. Os problemas – e a solidariedade dos vizinhos – não cessaram com este episódio.

Por volta de 1980, a casa veio abaixo e, mais uma vez, os vizinhos a reconstruíram, sempre se utilizando das extensões das madeiras da última palafita construída. Ao todo, foram 14 anos de muitas dificuldades antes de se mudarem para a Vila do João, mas tanto na primeira quanto na segunda comunidade, Dona Irene e suas filhas Ana Lúcia e Ana Cristina [presentes na entrevista] afirmaram terem sido muito felizes. Com aqueles sorrisos estampados nos rostos, não há como duvidar.



Dona Irene rodeada de filhos, netos e bisnetos: família composta de três gerações de mareenses

VOCÊ SABIA?

✓ A Ditadura militar impôs o nome do conjunto como uma homenagem dos moradores ao então Presidente da República, general João Baptista de Oliveira Figueiredo (1979-1985).

✓ As casas eram coloridas com um ou dois andares e simbolizavam prosperidade para os militares.

✓ A Vila do João possui 4.453 domicílios, que abrigam 13.046 pessoas (Censo Maré 2013).

Uma Maré angolana

Impossível falar da Vila do Pinheiro, sem ressaltar a contribuição, em todos os sentidos, do povo de Angola

JÉSSICA PIRES

As cores, o ritmo e o paladar são familiares. O lugar que abriga esses sentidos é fruto de um aterro dos anos de 1980. Uma década depois, esse povo que compartilha de costumes e da identificação com um lugar, com o povo da Maré, chegava pelos voos do Galeão. Uma “Maré angolana” existe e resiste na Vila do Pinheiro, uma das favelas da Maré que têm uma inspiradora característica: reunir múltiplas trajetórias.

Das mais de duas mil residências que existem nesse lugar, a Vila do Pinheiro, a segunda maior comunidade angolana do Brasil, ocupa e circula, sobretudo, uma esquina - a da Rua C11 com a B3. De todos os angolanos que residem no Rio de Janeiro, segundo perfil do Registro Nacional de Estrangeiros (RNE), de 2016. Ao circular pela Vila do Pinheiro e ouvir um sotaque diferente e delicioso, facilmente percebemos que muitos angolanos que escolheram o Rio de Janeiro como lugar

para viver estão na Maré.

Chegando nessa esquina, vemos bares, padaria, comércio e movimentação - como é típico da Maré e de Angola. A diferença de outras esquinas da Maré é a grande concentração de belos e belas negras retintas, muitas vezes ouvindo *kizomba* ou *kuduro* ou se deliciando também com uma culinária saborosíssima.

Traduzindo: *kizomba* e *kuduro* são ritmos muito comuns dessa nossa terra amiga, e que, eventualmente, são ouvidos por mais “mareenses” na Vila do Pinheiro, quando acontecem as festas e bailes dos angolanos, também naquela esquina.

Mas ser imigrante, preto, pobre e morador da Maré também não foi nada próximo dos roteiros das novelas. Dentro da própria Maré e da Vila do Pinheiro, os angolanos sofreram resistência e racismo. A necessidade criou uma comunidade ainda mais unida e com seus costumes - o que é percebido ao caminharmos pelas



Nadja Domingos: angolanos construíram vidas e marcaram gerações na Maré

ruas da favela.

“A gente consegue perceber isso ao ver que gringo é o branco, o europeu, o estadunidense. O angolano não é gringo, o haitiano não é gringo. As vezes, eu falo para os meus amigos que ‘sou gringa’. Fico batendo nessa tecla ainda mais porque eles são de Ciências Sociais. Quando falei isso, alguém comentou: angolano não é gringo, porque é preto”, comenta **Nadja Domingos** para a reportagem “Maré Angolana: Entre preconceitos e retirada de direitos, an-

golanos construíram vidas e marcaram gerações na Maré” produzida pelo DataLabe em junho de 2018.

Ao final, o que se pode concluir é que a Vila do Pinheiro é resultado de uma mistura que lembra os pratos brasileiros e angolanos. O projeto inicial da Vila era acolher moradores das palafitas removidas da Baixa do Sapateiro e do Parque Maré. Hoje, são cerca de 16 mil moradores que continuam a tecer e produzir suas histórias.



DOUGLAS LOPES

Bandeira e costumes de Angola são observados com frequência na Vila do Pinheiro

VOCE SABIA?

- ✓ A área genericamente conhecida como Pinheiro é parte de um aterro do Projeto Rio nos anos 1980. O aterro ligou a antiga Ilha do Pinheiro ao continente.
- ✓ Segundo o Censo Maré 2013, a Vila do Pinheiro possui 15.600 habitantes, distribuídos em 5.067 domicílios.
- ✓ A favela é a única do Rio de Janeiro a ter seu próprio Parque Ecológico.

A chegada de dias melhores

O Conjunto recebeu parte dos moradores das palafitas da Baixa

CAMILLE RAMOS

Próximo à Avenida Bento Ribeiro Dantas, junto à ciclovia da comunidade, foi construído, em 1989, o Conjunto Habitacional do Pinheiro, fruto do Projeto Rio, do Governo federal, cujo objetivo declarado era acabar com moradias precárias. O Conjunto, constituído por 34 edifícios, recebeu parte dos moradores das palafitas da Baixa do Sapateiro, onde morava Dona Eunice Cunha de Oliveira, hoje com 74 anos. Atual presidente da associação de moradores da comunidade, ela contou para o Maré de Notícias como foi a remoção que a trouxe para o Conjunto, onde mora desde então.

Dona Eunice chegou à Baixa do Sapateiro com seus pais e irmão por volta de 1950. Como era comum na época, foram morar nas palafitas. Luz não tinha. Para se ter água potável, era necessário buscar longe ou pagar por ela. E, quando a maré subia, perdia-se tudo dentro das casas. “A gente não tinha banheiro; lembro que tudo era feito em buracos que caíam direto no mar. Pra cozinhar e outras coisas, a gente carregava latas-d’água, balanças e rola-rola [barril fechado com

rolha e envolto em pneu usado para transportar água]”, conta.

O marido de Dona Eunice, Seu Enock Oliveira, com quem é casada há 33 anos, também cresceu nas palafitas e fala sobre os trabalhos que realizava, ainda criança, para ganhar dinheiro: “Eu carregava carrinhos de mão para tirar entulho [dos caminhões] para aterrar a Baixa, ficava dias fazendo isso”, relembra. Os dois se conheceram nas palafitas e vieram morar com suas famílias no Conjunto Pinheiro. Isso antes de se casarem.

Igual a ganhar na loteria

A mudança foi um divisor de águas na vida do casal e das centenas de pessoas que trocaram as palafitas pelo Conjunto Pinheiro. “A sensação era de estar vivo. Foi igual ganhar na loteria. Eu não me lembrava de já ter tomado banho de chuveiro, nem de usar um vaso, em casa. A gente se sentia rico, nos trouxeram dignidade com esses apartamentos”, conta entusiasmada Dona Eunice. As casas foram escolhidas por alguns moradores, e ela ficou com o 1º andar, por causa da idade já avançada de sua mãe.

“A sensação era de estar vivo. Foi igual ganhar na loteria. Eu não me lembrava de já ter tomado banho de chuveiro, nem de usar um vaso, em casa. A gente se sentia rico, nos trouxeram dignidade com esses apartamentos.” (Dona Eunice)



Dona Eunice: com a remoção, alguns moradores tomaram banho de chuveiro pela primeira vez

“Nos entregaram a casa ‘no osso’. Fizemos todos os acabamentos, depois subimos os muros dos prédios. Não tinha escola, nem comércio, depois foi surgindo e, hoje, está tudo grande, como você pode ver. Hoje aqui é um mundo e eu faço parte dessa história”, diz Dona Eunice.

Promessas

Em 2015, foi iniciada na comunidade a construção de uma ciclovia que teria 22 km de extensão e ligaria as 16 comunidades ao BRT e à Ilha do Fundão. Por falta de dinheiro, o projeto foi

interrompido. Mesmo assim, pode-se dizer que foi a primeira ciclovia construída em uma favela. Atualmente, o Conjunto Pinheiro tem a promessa de abrigar o Parque Maré, um projeto da Prefeitura [nos moldes do Parque Madureira], que oferecerá parque infantil, lago artificial, teatro, quadras esportivas e quiosques. O projeto, no entanto, ainda não tem previsão de início. Enquanto isso, a opção dos moradores é aproveitar a Rua do Meio, onde funciona um polo gastronômico de trailers, construídos pelos próprios moradores.

VOCE SABIA?

- ✓ O Conjunto Pinheiro é a comunidade da Maré que permanece mais próxima ao projeto arquitetônico original, apesar da construção de garagens dentro do terreno.
- ✓ A ausência de comércio na comunidade possibilitou a criação de novos espaços e casas; alguns desses “puxadinhos” foram transformados em bistrôs para qualquer tipo de comércio gerador de renda.
- ✓ Atualmente, são 1.342 domicílios, nos quais vivem 4.028 pessoas (Censo Maré 2013).

Mudando para melhor

Bento Ribeiro Dantas é considerado por seus habitantes uma área privilegiada pra se morar

CAMILLE RAMOS

Entre o Morro do Timbau e a Linha Amarela, um conjunto habitacional de tijolos e concretos aparentes, com traços arquitetônicos de inspiração pós-modernista se destaca no meio de outras comunidades da Maré. Trata-se do Conjunto Bento Ribeiro Dantas, erguido na década de 1990, na área onde existia a praia e o Porto de Inhaúma. Seus moradores vieram de outras favelas por

meio do Programa Morar Sem Risco, que contemplava comunidades que apresentavam perigo de desabamentos, entre outros, e que não podiam ser urbanizadas pelo Programa Favela-Bairro, implantado a partir de 1994. Uma dessas comunidades era a favela da Varginha, em Mangunhos, onde morava **Cremilda Vicente de Carvalho**, nossa entrevistada.



De Mangunhos para Bento Ribeiro Dantas: Dona Cremilda diz ter adorado a mudança

MN: Quando a senhora veio pra Bento Ribeiro Dantas?

DC: Cheguei aqui no dia 8 de setembro de 1993.

MN: Veio pra cá por quê?

DC: Eu morava na beirada do rio da Varginha, em Mangunhos. As casas da beira do rio eram de madeira. A minha tinha tijolo embaixo e madeira em cima. Aí teve uma chuva que alagou tudo. Minha casa foi a primeira a encher e a última a esvaziar na chuva de janeiro de 1993. Como muitas pessoas perderam as casas, o governo trouxe a gente pra cá.

MN: A remoção foi organizada pelos técnicos da Prefeitura que consideraram como área de risco as favelas que não podiam ser urbanizadas e aí deslocaram vocês pra Ribeiro Dantas, foi isso?

DC: Isso. Eles chegaram lá e disseram que a gente não podia mais morar ali. Pra mim foi uma maravilha! Eu não gostava daquele lugar. Perdi uma filha de 1 ano e 5 meses no rio. Quando a gente veio pra cá foi só felicidade. Aqui, é a Zona Sul da Maré, né? Melhor lugar pra se morar.

MN: O Conjunto foi ocupado só por moradores da Varginha?

DC: Vim eu e meus vizinhos que ainda estão *tudo* aí. Foram 525 casas construídas aqui no Conjunto. Umas 120 vieram de Varginha, outros de Mangunhos, da Mangueira, do Rio Saracuí.

MN: Como foi construir a vida aqui? Como que era a Ribeiro Dantas quando a senhora chegou?

DC: Tenho 54 anos; vim pra cá com 28, mas parece que eu sempre vivi aqui. Quando a gente chegou só tinham as casas, que eram de vila. Minha casa original tinha dois andares e dois quartos. Eu tinha perdido tudo na enchente; viemos sem nada e aos poucos a gente foi comprando as coisas.

MN: E tinha asfalto, comércio?

DC: Tinha nada. A gente passava na praça e só via lama, depois via coelho, não tinha padaria, mercado... nem nada. A gente ia na Vila do João fazer as coisas. Aos poucos as pessoas foram se organizando.

MN: E como foi que as coisas foram melhorando?

DC: Com a chegada do asfalto da Avenida Bento Ribeiro Dantas, o concreto da praça. Fizemos a quadra, porque as pessoas jogavam bola no barro. Em 2006, a gente se organizou pra fazer a associação de moradores; fiquei lá até o ano passado.

VOCÊ SABIA?

- ✓ A comunidade tem esse nome por causa da via principal, que ligava a Maré a Bonsucesso, antes de se tornar Linha Amarela. A rua leva o nome do presidente do Centro Industrial do Rio de Janeiro que participou do movimento político-militar que derrubou o presidente João Goulart, em 1964.
- ✓ O conjunto foi inaugurado em 1992.
- ✓ Inicialmente, a comunidade foi apelidada de Fogo Cruzado, devido aos confrontos armados frequentes.
- ✓ Segundo o Censo Maré 2013, a comunidade possui 943 domicílios nos quais vivem 3.553 pessoas.

Uma vida dedicada à Maré

Seu Amaro atuou em muitas frentes para levar melhorias ao bairro

HÉLIO EUCLIDES

O Conjunto habitacional Nova Maré foi inaugurado pela Prefeitura em 1996, com o fim de assentar moradores removidos de palafitas. Segundo o Censo Maré de 2013, a Nova Maré conta com 3.215 habitantes e 944 domicílios. Tem como marco a presença da Lona Cultural Municipal Herbert Vianna, a instituição Uerê e a Vila Olímpica da Maré. Essa última, administrada desde a sua criação por **Amaro Domingues**, de 86 anos, nascido no interior do município de Campos. Ele recebeu a medalha Pedro Ernesto e teve sua vida contada em dois livros. Seu Amaro, como é conhecido na Maré, fala da sua trajetória e luta pela favela.

Como foi sua vinda para a Maré?

Morei em diversas localidades, mas em 1962 fui removido de Benfica para a Nova Holanda. Quando cheguei à favela, só tinha até a Rua Cinco, o resto era mangue. Aconteceram muitas remoções naquela época, como Manguinhos, Esqueleto e Praia do Pinto. As pessoas vieram para cá e as necessidades apareceram, como a falta d'água. Então tinha de buscar água com o uso de

“Aqui também não tinha luz, era usado um gerador. Uma vez acabou o óleo no meio do jogo da Seleção brasileira, na Copa de 1962.” **(Seu Amaro)**

DOUGLAS LOPES



Seu Amaro na Vila Olímpica da Maré: trabalho pela comunidade rendeu ao morador medalha Pedro Ernesto e a vida contada em dois livros

um barril que era chamado de rola. Aqui também não tinha luz, era usado um gerador. Uma vez acabou o óleo no meio do jogo da Seleção brasileira, na Copa de 1962. Depois a luz ficou centralizada em cabines.

Como começou sua luta na Maré?

A educação era péssima, então como eu fazia parte do Sindicato dos Rodoviários, consegui 600 vagas para as crianças da Maré na escola dos funcionários da CTC (Companhia de Transportes Coletivos). Em 1998, uma das reclamações era que ninguém dava emprego para quem falasse que era morador da Maré. Então, consegui por oito

anos uma parceria de limpeza com o Hospital do Fundão (Universitário Clementino Fraga Filho), para colocar moradores por meio da cooperativa que presidia a Coopjovem Maré, cuja sede era na Nova Maré.

E o trabalho na Vila Olímpica?

Fundamos a Unimar (União das Associação de Moradores do Bairro da Maré). Um dia, numa reunião com 12 representantes, apresentamos ao engenheiro Edgar Amaral a criação da Vila Olímpica. No dia 23 de abril de 1995, cheguei em Brasília para apresentar o projeto. Não tinha dinheiro e me senti um plebeu favelado, com um *book* de baixo do braço. Consegui falar com o ministro dos Esportes, Pelé, e deixar o material com o seu assessor. Depois veio a briga para a construção, já que

achavam uma área perigosa. Foi a primeira vila olímpica da Prefeitura. Para completar o tripé, reivindicamos uma creche (Espaço de Desenvolvimento Infantil Professor Moacyr de Góes) e a escola técnica. Muita luta, pena que tem gente que deseja aparecer, mas não ligo, o importante é funcionar.

Como é a ligação com a Nova Maré?

A Nova Maré nasce da remoção das palafitas da Praia de Ramos e Roquete Pinto. Colaborei para a criação da associação de moradores, que teve como primeira presidente a amiga Clarinha (Maria Clara Rodrigues da Silva). Estou presente desde a fundação, me sinto bem perto desse povo. É onde passo a maior parte do dia, na Vila Olímpica. Queria fazer mais coisas, mas tenho meus limites.

Potência para brilhar

Caçula, Salsa foi inaugurada no ano 2000 com o nome oficial de Novo Pinheiro

CAMILLE RAMOS

A comunidade mais nova da Maré tem 19 anos e fica próxima às três vias mais conhecidas da Zona Norte: a Linha Vermelha, a Linha Amarela e a Avenida Brasil. Suas ruas são as mais largas de todo o bairro e, devido ao colorido original das casas ali erguidas, surgiu o nome do lugar – Salsa e Merengue –, uma alusão a uma novela exibida na época. O Conjunto habitacional foi inaugurado no ano 2000, pela Prefeitura, com o nome oficial de Novo Pinheiro. Apesar de quase duas décadas de sua criação, o Salsa ainda enfrenta muitos problemas de infraestrutura, como conta **Vinícius Pereira de Souza**, 24 anos, e sua mãe, **Maria Bernadete Pereira de Souza**, moradores da comunidade desde a sua criação.

A família de Vinícius já morou no Parque União e no Conjunto Esperança. Seus pais juntaram todas as economias para comprar uma das casas do Salsa e se mudaram quando o Conjunto ainda estava sendo finalizado. “Compramos uma casa que funcionava como consultório de dentista, mas poucos pagaram por casas ali no Conjunto, porque elas foram cedidas pela Prefeitura”, conta Dona Bernadete.

Descaso

A comunidade ainda estava em construção,

com isso não se tinha opções de creche, comércio ou praças para receber as crianças. “A gente brincava na rua mesmo. Depois de um tempo, vimos a Praça ser erguida em frente a nossa casa. Era uma quadra de tênis, onde hoje é uma piscina; e outra de futsal, que agora ganhou gramado sintético”.

As praças do Vinícius, entrevistado na primeira Edição, conquistou dezenas de medalhas e troféus em uma década de Salsa apareceram, mas com a ocupação de novos moradores, o crescimento da comunidade e o descaso do poder público, elas foram acabando. Outra queixa de moradores é a falta de entrega das correspondências. Os moradores precisam ir até a Associação de Moradores da Vila do Pinheiro buscar suas cartas e encomendas.

Lugar de talentos

Era no Salsa um dos bailes mais famosos da Maré, que acontecia na praça, hoje cercada por lojinhas. O comércio tem sido crescente na comunidade, embora ainda não tenha mercados de rede. Por suas ruas largas, os “pegas” também aconteciam. Outro marco era as queimas de fogos todo fim de ano. “Muita coisa mudou: tinha linhas



DOUGLAS LOPES

de ônibus que rodavam dentro da comunidade; perdemos as praças que tinham academia da terceira idade e brinquedos para as crianças. Elas precisam de distração. Por isso, sempre que posso carrego todo mundo pra Vila Olímpica”, conta Dona Beth, que ao se propor levar as crianças para atividades na Vila, formou um campeão.

Vinícius foi entrevistado na 1ª Edição do Maré de Notícias. Na época, com

14 anos, o adolescente tinha o desejo de se tornar um nadador profissional. Hoje, como atleta do Botafogo e colecionador de troféus e medalhas, Vinícius, que começou a nadar aos sete anos na Vila Olímpica da Maré e dá aulas de nado, se tornou um grande exemplo para as crianças do Salsa. “Eu digo, por onde vou, que sou da Maré. Aqui tem muita coisa boa, é um lugar de talentos”, diz. Ninguém discorda, Vinícius.

VOCÊ SABIA?

- ✓ Salsa e Merengue foi criada para assentar os moradores da comunidade conhecida como Kinder Ovo e do entorno do Rio Faria Timbó.
- ✓ O Conjunto foi inaugurado em 2000.

- ✓ Conta com 2.163 domicílios, que abrigam 6.791 moradores (Censo Maré 2013).

Mais 100 virão

O Maré de Notícias veio pra ficar. E disso mais ninguém duvida



DOUGLAS LOPES

Equipe do Maré de Notícias em momento de confraternização na última Páscoa

JORGE MELO

O 17 de janeiro de 2009 foi um dia triste para a cidade. A primeira página de *O Globo* informava que um incêndio destruíra o Mercado de Madureira. Nesse mesmo dia, a alguns quilômetros dali, era lançado o Jornal Maré de Notícias, começando assim uma história de cumplicidade e lutas conjuntas entre o veículo comunitário e a comunidade. De lá pra cá, muita coisa mudou – o comprometimento com os “mareenses” e com os fundamentos do bom jornalismo comunitário, não. E, assim, chegamos ao número 100.

Cabe esclarecer que poucos são os jornais de bairro que conseguem esta marca – mesmo com empenho, trabalho e esforço. Mas o Maré de Notícias tem um diferencial e tanto: o suporte de uma entidade ativa e respeitada, a Redes da Maré. De-

talhe importante: o Maré de Notícias não é um “boletim” da entidade, e nunca se propôs a ser, mas um veículo a serviço da população. E isso está no seu projeto editorial.

A equipe – amor pelo veículo e pelo território

Em 24 anos de jornalismo, o Maré de Notícias foi a primeira experiência de edição num jornal impresso de **Dani Moura**, que hoje é Coordenadora de Comunicação da Redes da Maré. “Além do ineditismo da edição de um impresso, o jornal era comunitário. Uau! Um baita desafio! Mas nunca irei me esquecer. Ali comecei meu caso de amor com a Maré.”

O repórter **Hélio Euclides**, morador da Maré, é um dos fundadores do Jornal. Conhece o território e seus habitantes como ninguém. “Minha primeira matéria no Maré de Notícias foi sobre dois

atletas da Maré. Muito bom saber como eles estão hoje, Vinícius Souza, que naquela época dava os primeiros passos na natação, hoje é dono de alguns títulos. E Priscila Xavier, faixa marrom de caratê, que falava da outra paixão, o jornalismo, hoje, atua como jornalista, e já abrilhantou as páginas do Maré de Notícias”.

Filipe Mendonça é o encarregado de dar forma ao nosso Jornal e se encantou, desde o início, com o desafio de fazer um produto popular e moderno visualmente, “Trabalhamos dia e noite, finais de semana e feriados para que a leitura do texto seja clara e objetiva, que contenha elementos que prestem serviço e conversem com todos os moradores da Maré”.

“A Maré é o meu lugar” diz orgulhosa **Jéssica Pires**, que escreve e fotografa. A jornalista não teve dúvidas em trocar de emprego, ao ser selecionada para trabalhar no Maré de Notícias. “Contamos histórias de afirmação, positivas e que não se esgotam na Maré. Cobramos e prestamos serviços sabendo da importância que isso tem para os mais de 130 mil moradores dessas favelas”.

Outra integrante da equipe é **Camille Ramos**, uma apaixonada por jornalismo comunitário. “A gente se divide pra dar conta das muitas funções que temos, respeitamos compromissos

e particularidades, e nos apoiamos para encontrar o nosso melhor”.

O fotógrafo **Douglas Lopes** é outro “mareense” na equipe. “Ser morador da Maré e fotografar, documentar, registrar o cotidiano deste território, suas paisagens, pessoas e suas particularidades me fascina e me reconstrói a cada dia”.

E vem das Minas Gerais a nossa revisora, **Elizete Munhoz**, com sua leitura atenta e rigorosa das matérias do Jornal, conosco há mais de 2 anos, e que, embora não viva aqui, traz a Maré no coração, como é próprio dos mineiros.

Eliane Salles é a editora-chefe do Maré de Notícias. Com mais de 25 anos de experiência, poucas vezes viu um jornal da dita imprensa alternativa seguir tão rigorosamente os critérios de noticiabilidade, periodicidade e compromisso com sua função social e com o leitor. E isso, obviamente a encantou. “Editar o Maré de Notícias é como tudo na Maré: simples e complexo ao mesmo tempo”.

À frente desse time de craques, está o diretor da Redes da Maré, o filósofo **Alberto Aleixo**, que acompanha o Eixo de Arte e Cultura e, há dois anos, o Setor de Comunicação. Neste período, ele tem sido responsável por conduzir a equipe no direcionamento editorial e ético. Sob sua batuta, chegamos à 100ª edição. Que venham outras 100!